



Sobre o significante em deriva e a segmentação como lugar de estabilização

Leda Verdiani Tfouni¹ e Anderson de Carvalho Pereira^{2*}

¹Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. ²Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Itapetinga, Rodovia BR-415, s/n, 45700-000, Itapetinga, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: anderson.pereira@uesb.edu.br

RESUMO. Uma das questões mais desafiadoras das ciências da linguagem trata da relação entre significante e segmentação. Ao tomar como pressuposto a noção de cadeia significante da psicanálise lacaniana, esta pesquisa tratou os formalismos das ciências da linguagem na esfera da interdição ideológica quanto à possibilidade de tratar de marcas linguísticas como constitutivas do dizer, e não propriamente como perturbações ou instabilidades. Por meio de uma teorização sobre a língua e o significante em interface com os estudos do discurso, este artigo mostra de que forma, em uma narrativa oral contada por uma mulher não-alfabetizada, intitulada 'Bom dia meu cravo, bom dia minha rosa', o corte do significante escravo contribui para o controle da deriva dos sentidos. No fluxo narrativo, ao enunciar 'cravo' o sujeito-narrador mobiliza, no interdiscurso, o significante 'escravo'. Esta forma de dizer de maneira deslocada é debatida na Psicanálise como um modo de redirecionar a pulsão por meio da negociação com o recalque. No caso, na memória coletiva há uma simbolização sobre a 'escravidão'. No plano do imaginário, essa simbolização se refere à evidência de que o escravo trabalha sob a condição de servidão a um senhor, como um condenado, tal como aparece na fala da narradora. A necessidade de não ser lembrado sobre esta condição é o que assegura que esse conteúdo recalcado faça com que o sujeito permaneça na posição que se espera de um escravizado, a daquele que não questiona a sua condição. Desta forma, debatemos como o lugar do sujeito-narrador é atravessado por essa memória coletiva, também sob efeito do esquecimento número um em Pêcheux.

Palavras-chave: teoria lacaniana do significante; segmentações não-convencionais; sentido; letramento; análise do discurso.

On the signifier in drift and segmentation as a place of stabilization

ABSTRACT. One of the most challenging questions in the language sciences deals with the relationship between signifier and segmentation. By taking as a presupposition the notion of the signifying chain of Lacanian psychoanalysis, this research dealt with the formalisms of the language sciences in the sphere of ideological interdiction regarding the possibility of dealing with linguistic marks as constitutive of saying, and not properly as disturbances or instabilities. Through a theorization about language and the signifier in interface with discourse studies, this article shows how in an oral narrative told by a non-literate woman, entitled 'Good morning my carnation, good morning my rose', the cutting of the slave signifier contributes to the control of the drift of the senses. In the narrative flow, by enunciating 'carnation' (*cravo*), the subject-narrator mobilizes, in the interdiscourse, the signifier 'slave' (*escravo*). This way of saying in a displaced way is debated in Psychoanalysis as a way of redirecting the drive through negotiation with repression. In this case, in the collective memory there is a symbolization of 'slavery'. On the imaginary level, this symbolization refers to the evidence that the slave works under the condition of servitude to a master, as a convict, as appears in the narrator's speech. The need not to be reminded about this condition is what ensures that this repressed content makes the subject remain in the position that is expected of an enslaved person, that of the one who does not question his condition. In this way, we discuss how the place of the subject-narrator is crossed by this collective memory; also under the effect of oblivion number one in Pêcheux.

Keywords: Lacanian theory of the signifier; non-conventional segmentations; sense; literacy; discourse analysis.

Received on May 19, 2025.

Accepted on October 09, 2025.

Introdução

Neste artigo, partimos de um retorno à questão da deriva dos sentidos (Pêcheux, 2002) e seu valor para demarcação do lugar do sujeito. A noção de sujeito como operador de análise, e gesto interpretativo de um

lugar na cadeia significante (Elia, 2023) é um nódulo de interface entre as duas principais disciplinas, aqui mobilizadas para o início deste debate.

A Análise do Discurso (doravante, AD) e a Psicanálise, ao estreitarem laços a partir das décadas de 1960 e 1970, retomam questões que ficaram em aberto desde a refundação das ciências da linguagem pela herança saussuriana, e por meio da releitura da hipótese sobre o inconsciente em Freud e as reformulações em torno do materialismo histórico-dialético (Pêcheux & Fuchs, 1993).

Em um espaço de entremeio destas disciplinas e em um campo aberto à retomada do debate sobre a noção de sujeito, a questão da deriva dos sentidos, cifrada pela intercorrência de segmentações no ponto-de-estofa, ao qual o sujeito é submetido e tenta se agarrar (no sentido de contornar, conter a deriva), converge para um duplo da questão tal como é aqui tratada, ao apresentarmos a análise de um fragmento de uma narrativa oral contada por uma mulher não-alfabetizada. Trata-se de um texto na forma oral, mas interpelado pelo discurso da escrita.

Em diversos estudos anteriores, temos demonstrado que há uma relação de alteridade entre forma oral e escrita da língua atravessada por cooptações do discurso da escrita, em sua forma de controle da interpretação e efeito de unidade e fechamento; de outro modo, o discurso da oralidade indica um sujeito lançado aos diversos planos de significância que fazem com que deva lidar com processos de ressignificação de natureza variada. Ambas as interpelações discursivas não se reduzem à forma oral ou escrita da língua, mas são por estas veiculadas, o que, sob olhar dos vieses mais formalistas das ciências da linguagem poderia soar como instabilidades perturbadoras, irregularidades, cuja natureza do ‘dado’ é a de uma inadequação incômoda; aqui, como vamos demonstrar, trata-se de recurso do próprio sujeito para uma avantajada artimanha diante da estrutura da linguagem.

É uma forma de reler o indício (Ginzburg, 1989), com o qual temos trabalhado ao analisarmos diversos *corpora*. E que também evoca o debate em Pêcheux (2016) sobre a relação entre o ‘impossível constitutivo da gramática’ e uma “[...] interdição epistemológica, ligada às aderências teóricas que amarram os dispositivos gramaticais atuais ao formalismo lógico” (Pêcheux, 2016, p. 232).

Essa divisão histórica das práticas discursivas, junto da leitura restrita das gramáticas e do aparato sintático formal, desvaloriza o *nonsense* e a função poética da linguagem (Pêcheux, 2016), e é contornada aqui pelo debate sobre segmentação e deriva, ao mostrarmos a análise de uma narrativa oral que reaproxima estes campos, contornando os formalismos linguísticos. É uma forma também de recuperar o debate deste autor sobre a noção de deriva dos sentidos (Pêcheux, 2002), noção essa que abordou a separação entre o científico e o literário (Pêcheux, 2014).

Este panorama inicial serve para situar o encaminhamento da questão, ao mesmo tempo em que deixa em aberto um aprofundamento sobre a relação entre cadeia significante, deriva e ponto-de-estofa a ser tratada adiante. Essa articulação passa pelo resgate da natureza do significante, do ponto de vista da segmentação.

O sujeito à deriva: o significante e a segmentação.

Pêcheux e Fuchs (1993), ao proporem o esqueleto teórico de sua teoria do discurso, fundam um novo campo, embasado fortemente nas releituras de Marx, feita por Althusser (1970 como citado em Pêcheux & Fuchs, 1993); e de Freud, feita por Lacan (1970 como citado em Pêcheux & Fuchs, 1993). É do conhecimento de muitos a exposição que eles fazem:

O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. A linguística, como teoria dos processos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Convém ainda explicitar que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (Pêcheux & Fuchs, 1993, p. 163-164).

A este respeito são decisivas duas observações: a primeira diz respeito às várias releituras de Saussure, levadas a efeito pela própria AD: Gadet, Pêcheux, Mazière, Maldidier (Maldidier, 2003); em segundo lugar, a publicação dos *Écrits de Linguistique Générale* (Saussure, 2002) marcando um acontecimento de retomada da obra sassureana.

Como aliar a questão da sintaxe com a da subjetividade? Tarefa a ser cumprida. Fugir das análises conteudísticas ou hermenêuticas não é caminho fácil. O engodo nos espreita através dos olhos dos dois esquecimentos. É preciso restabelecer a teoria da língua que serve de base para a AD, e explorar as ressonâncias em outras áreas de influência, como a psicanálise.

Uma das reflexões cruciais para enlaçar a sintaxe, no sentido de uma posição na cadeia significante, com o lugar da subjetividade é resgatar a leitura lacaniana do algoritmo saussuriano, como faz Mariani (2007, p. 64):

O significante, em si, não tem significação. O que irá delimitar os possíveis sentidos é sua relação – opositiva, diferencial, negativa – com signos linguísticos circunscritos na cadeia falada. Do ponto de vista de Lacan, revendo as teses saussurianas, o que importa na cadeia da fala é um correr superposto de dois fluxos: o fluxo dos significantes e o fluxo dos significados.

Em decorrência desta releitura lacaniana da noção de algoritmo, Pêcheux (1993) incorpora, à discussão sobre a relação entre sujeito e sentido, o pressuposto de que inconsciente e ideologia encontram-se materialmente ligados na ordem da língua. É este o ponto básico e definidor de procedimentos das pesquisas atuais em AD na sua relação com a Psicanálise. É nesta questão que desejamos nos deter aqui.

O objetivo é estabelecer uma relação entre segmentação e deriva, na tentativa de articular uma relação entre uma teoria da língua e uma abordagem do discurso, em diálogo com a psicanálise. Assumimos, de início, que a segmentação, intencional ou não, é uma forma de a deriva se mostrar na língua. Tomamos como ponto de partida o clássico esquema da relação entre significante e significado proposto por Saussure (2002), para mostrar que ali, em embrião, já se encontra a possibilidade de deslizamento do sentido, que Lacan irá retomar e radicalizar com a noção de *significância*. Nesse esquema, pode-se visualizar a possibilidade de o significante esfacelar-se, quebrar-se, dividir-se, de tal forma que o significado almejado pode não ser encontrado como um todo, ou seja: o que o sujeito almeja dizer pode não ser aquilo que é dito, visto que há uma zona indeterminada entre significante e significado onde a deriva (a possibilidade de o sentido vir a ser outro) se instala. Diante da deriva, manifestada sob a forma da segmentação, o sujeito tem três opções: ou a controla, através de mecanismos linguísticos adequados; ou incorpora e usa a deriva em seu benefício, como recurso estilístico; ou, ainda, deixa-se levar, e fica ‘a céu aberto’, sem fechar a significação. Nos dois primeiros casos, temos a possibilidade de a autoria instalar-se. Analisaremos um excerto de narrativa oral de Madalena de Paula Marques, uma mulher analfabeta, a fim de ilustrar como esses fatos se concretizam.

Este diálogo é fundamental para dar sequência à articulação que temos feito entre deriva, sentido e autoria. A posição do sujeito-autor, por ser da ordem do tratamento do real da língua e da História, escapa à intencionalidade de produção de significância na cadeia significante e faz emergir, por meio de pontos de deriva e dispersão, efeitos que se, por um lado, podem comprometer a unidade (completude) do discurso da escrita - por meio do qual se toma posição - por outro, produz também efeitos de singularidade.

Esta articulação teórica é cara à discussão final em Pêcheux (2002) sobre a articulação do Outro sobre o mesmo (efeito de repetição) da cadeia significante, que fez este autor admitir, em certa medida, uma semiconsciência do sujeito em relação às estratégias de controle do sentido, e também a admissão de que a noção de heterogeneidade (redefinida como ‘não coincidências do dizer’, em Authier, 1998) é um caminho para considerar o sujeito, não pelo assujeitamento quase arrebatador, mas pela condição de intérprete estratégista.

Em meio à discussão sobre autoria, a repercussão deste salto teórico vai desde nosso apontamento de que, em narrativas orais, para assegurar a completude, o sujeito controla efeitos de antecipação e de atendimento de expectativas do interlocutor; passa pela incorporação da discussão sobre o controle da deriva e da dispersão (Tfouni, 2021); e também conta com o debate sobre a natureza mítica da atividade narrativa, no que se refere à alienação a um mito individual como forma de lidar com o outro (imaginário) e a decifração de uma dimensão mais enigmática dos Mitos, dimensão essa definidora da assunção do real (Pereira, 2009).

Nota-se que o que está em jogo sempre é, do ponto de vista psicanalítico, a alçada do desejo (e a dimensão do real) acompanhada da discussão sobre a natureza do signo e do sentido. Ao abordar a relação entre o plano do significante e o do significado, em Saussure (1972, apud Arrivé, 2001), e de como essa proposta foi retomada por Lacan (1998, apud Arrivé, 2001), Arrivé (2001) faz notar que Lacan ‘deliberadamente’ corrige Saussure, pois troca o ‘de uma só vez’ deste último por ‘ao mesmo tempo’. Arrivé (2001), ao explicar como Lacan retoma o linguista genebrino, destaca a seguinte passagem em sua obra:

Podemos então representar o fato linguístico (sic!) em seu conjunto, isto é, a língua, como uma série de subdivisões contíguas desenhadas de uma só vez no plano indefinido das idéias (sic!) confusas e no não menos indeterminado dos sons (Saussure, 1972, pp. 155-156, apud Arrivé, 2001, p. 100).

Em seguida, ao enfatizar a questão da troca:

O senhor Saussure [admire-se de passagem o tom ceremonioso de Lacan, M.A.] pensa que aquilo que permite o recorte do significante é certa correlação entre significante e significado. Evidentemente, para que os dois possam ser recortados ao mesmo tempo, é necessária uma pausa [...] (Lacan, 1966, p. 502-503 apud Arrivé, 2001, p. 100).

Arrivé (2001) afirma que essa troca foi deliberada, pois Lacan queria introduzir a noção de ‘deslizamento’, que só é possível de ser pensada a partir de ‘pausa’, que este último postula do ponto de vista diacrônico, visão que não era contemplada por Saussure. Assim se manifesta Lacan:

Este esquema é discutível. Bem se vê, com efeito, que no sentido diacrônico, com o tempo, se produzem deslizamentos e que, a cada instante o sistema em evolução das significações humanas se desloca e modifica o conteúdo dos significantes, que assumem usos diferentes. (...) esses deslizamentos de significação provam que não se pode estabelecer correspondência biunívoca entre os dois sistemas (Lacan, 1955; 1956; 1981, p. 135 apud Arrivé, 2001, p. 100).

Importa para nossos propósitos aqui marcar a intencionalidade da troca feita por Lacan. Apesar de estar prevista concorde o conceito saussuriano de caráter de ‘mutabilidade do signo’ (Saussure, 2004), a visão diacrônica, segundo Lacan (1998), permite instalar o ‘discurso’ Neste último, é possível conceber um movimento do significante em que este “[...] derrama a sua significância – fundamentalmente distinta da significação saussuriana – sobre o significado, sem levar em conta nenhuma eventual ‘segmentação’ deste” (Arrivé, 2001, p. 101, grifo nosso).

Cabe aqui uma explicação: *significação*, em Saussure (2002, 2004), exprime a relação biunívoca entre significante e significado (a ‘palavra vazia’, para Lacan); *significância*, em Lacan (1998), refere-se ao transbordamento do significante sobre o significado, fato que produz o equívoco, de onde decorrem metáforas e ditos espirituosos, por exemplo (este movimento é determinado pelo desejo).

Porém, anota Arrivé (2001):

Lacan recusa a correspondência das segmentações dos dois planos, mas afirma que um deles (pelo menos) é segmentado. [...]. Pode-se dizer que Lacan, continuando a refletir sobre o esquema saussuriano, examinando até suas minúcias materiais, só lhe capta a pertinência cortando-o em dois longitudinalmente. As linhas pontilhadas só segmentam o significante. Elas não se prolongam – pelo menos todas – em nível de significado (Arrivé, 2001, p. 102).

Esta não correspondência das segmentações em dois planos é ilustrada a partir da Figura 1.

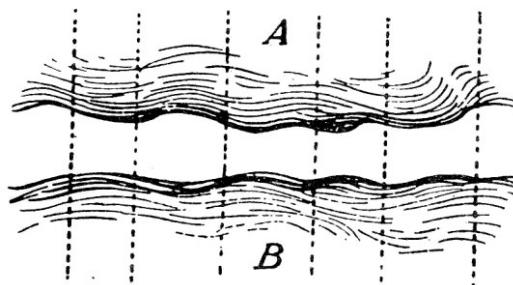


Figura 1. Esquema de Saussure sobre o valor linguístico, tal como divulgado e relido por Lacan.

Fonte: Arrivé (2001).

Assim, Arrivé (2001) conclui que a segmentação saussuriana, por paradoxal que pareça, é a que permite que Lacan fale de um “[...] deslizamento incessante do significado sob o significante” (Lacan, 1966, p. 502, apud Arrivé, 2001, p. 102), e, ao mesmo tempo, que proponha a noção de ponto-de-estofo, para evitar a fuga completa e constante entre significado e significante, que é própria da psicose.

Entre os dois níveis acima, instala-se um necessário de sentido: a contingência do real, que permite que o sentido possa sempre vir a ser outro. Examinaremos aqui um caso específico de deriva que decorre da segmentação do significante escravo.

Formação e análise do *corpus*

Guilhaumou e Maldidier (2016) debatem a relação entre conjuntura histórica e arquivo nas pesquisas em estudos discursivos. O conjunto de enunciados que compõem um *corpus* não vem datado, sistematizado e nem se presta a esta etapa de organização para pesquisas neste campo. Os selos, datas, marcas de acervos e instituições e/o outros dispositivos historiográficos não fazem parte de uma meta e/ou prioridade nos estudos do discurso. Nem se limita à descrição das condições de produção. No caso, os arquivos concebidos na interface entre História e ciências da linguagem, formam-se a partir de confrontos e articulações entre enunciados que se (re)organizam, não apenas pela enunciação, mas nas formas de tornar dizível sobre uma conjuntura e deixar de dizer, ou dizer de forma deslocada, muitas vezes por “[...] encaixe, articulação e (des)ligação” (Pêcheux, 2016, p. 227).

Por meio deste esteio teórico articulado, acessamos parte do arquivo sobre escravidão na conjuntura histórica brasileira, organizada nas narrativas orais contadas por dona Madalena (*in memoriam*), uma mulher não-alfabetizada e contadora de várias narrativas orais de ficção. Estas narrativas ressignificam cânones da tradição oral e permitem também indicar diversas formas de os enunciados mobilizarem a memória coletiva, de natureza sócio-histórica.

Podemos, assim, afirmar que este acervo oral imbrica em um cruzamento de formas de dizer sobre um campo da memória coletiva em específico: o do escravagismo, tal como evocado na conjuntura histórica brasileira. A concepção de memória aqui eleita para nossa análise nos fornece subsídios para defender que o reconhecimento do ‘tópico’ (escravidão) é possível porque a memória é desdobrada em paráfrases e articulada em efeitos metafóricos, no entremeio da legibilidade, entre o legível e o interpretável (Pêcheux, 1999).

O recorte analisado extraído da narrativa ‘Bom dia, meu cravo, bom dia, minha rosa’, como veremos é um mosaico de camadas vindas da tradição oral. Além desse reconhecimento parafrástico, também, a narradora, ao final da performance da contação da narrativa em questão, afirma se tratar de uma história ocorrida no tempo da escravidão.

Não vamos nos ater aqui às questões sobre a posição de autoria ocupada pelo sujeito-narrador, mas devemos também esclarecer que a análise aqui apresentada parte de outro pressuposto, o da “[...] discursividade, tal como ela se realiza na forma sequencial do intradiscorso” (Pêcheux, 2016, p. 227).

A partir destes pressupostos, apresentamos a seguir excertos de uma narrativa citada, intitulada ‘O cravo e a rosa’ (Madalena de Paula Marques, comunicação pessoal, 2007). Esclarecemos as siglas utilizadas: vp – voz da personagem; vn – voz do narrador; si – segmento ininteligível:

(v.n.) A princesa conversando com o rei:

(v.p. filha) Tem um ‘nego’ qui passa aí, todo dia fala ‘Bom-dia minha ‘rosa’!', ‘Boa tarde, minha ‘rosa’!’. Quando ele volta, ele fala ‘Boa tarde, minha ‘rosa’!'

(v.n.) Aí u is, u rei falô assim:

(v.p. rei) - Minha fia, quando ele falá ‘Bom-dia, minha ‘rosa’!', cê fala ‘Bom-dia, meu cravo!'

(v.n.) Esse aí é o pai qui falô.

(v.p. rei) Quando ele falá ‘Bom-dia, minha ‘rosa’!', cê fala ‘Bom-dia, meu cravo!'

(v.n.) Aahhh, cê tinha qui vê. Esse ‘nego’ trabaiô, mais trabaiô, mais trabaiô, pr’ uns deiz’ (...)

(v.n.) Passô, falô assim:

(v.p. negro) - Bom-dia, minha ‘rosa’!

(v.p.princesa) – Não; bom-dia minha ‘rosa’, não .. (s.i.)

(v.n.) Ela: (v.p.princesa) – ‘Bom-dia meu cravo’, como vai você?

(v.n.) Aí, ele, ele trabaiô. ‘Trabaiô, trabaiô, trabaiô, pior di qui um condenadu’. Trabaiô. Foi só purquê ela falô ‘cravo’ pra ele. (...). U ‘nego’ num queria mais. Aí u ‘negu’ foi comenu, foi joganu fora. Aí foi vumitanu abóbora, mais u azeiti. I ele foi danu, i quem disse qui u ‘negu’ num güentava mais?

... ‘Pegô rabu di tatu, desceu nas costa du negro’ [*‘Isso era nu tempu dus iscravu’* – comenta com o entrevistador].

Vejamos de que se trata essa narrativa: Um diálogo entre o pai (o rei) e a filha (princesa) em que ela relata que todos os dias passava um ‘nego’ na janela dela e a cumprimentava; ‘Bom dia, minha rosa’ de maneira carinhosa e sedutora. O rei instruiu-a a responder; ‘Bom dia, meu cravo’, dando, então, a entender que a manobra de sedução era aceita. Assim fez a princesa. Quando o ‘nego’ passou e a cumprimentou conforme o usual, ela respondeu: ‘Bom dia, meu cravo, como vai você?’ Ao ser chamado de ‘cravo’, o negro ficou fora de si, trabalhou até não aguentar mais. Alguém (o feitor?) chicoteou-o com um rabo de tatu. O fecho se dá com um comentário da narradora para seu interlocutor, avisando que os eventos se passaram na época da escravidão.

Vamos deter-nos na segmentação ‘es-cravo’. É possível notar como o sistema (a língua) é que dá origem à deriva (inicialmente, a oposição rosa/cravo, que se prende a um eixo metafórico, desliza para cravo/escravo. A memória discursiva encarrega-se de amarrar esses significantes dentro da narrativa: ‘essi nego trabaiô, mais trabaiô, mais trabaiô, pr’ uns deiz (...) Ele trabaiô, trabaiô, trabaiô, pior do que um condenado (= escravo)’, e também o significante ‘nego’ (‘negro’).

Em Pereira (2009), a análise apontou que ‘Cravo’, nesse deslizamento metafórico e metonímico, não tem neste intercurso do fluxo narrativo apenas valor de nome próprio. O fragmento significante ‘cravo’ percorre o fio narrativo (intradiscursivo) como um indício de resistência e de contorno pelo qual emerge um sujeito assujeitado a uma FD denominada ‘escravidão’. Retomamos aqui, portanto, a análise da segmentação ‘es’, em ‘(es) cravo’, abordada anteriormente, mas com o aprofundamento no campo psicanalítico.

Do ponto de vista do funcionamento da língua e da gramática, sabemos que o es- inicial pode sofrer aférese: (es)tou, (es)pera aí, (es)pasco. No caso de ‘(es)cravo’, nessa narrativa, no entanto, a segmentação provoca um efeito de memória e vem recompor o significante ‘cravo’, ou seja, ao invés de ‘escravo’ se tornar ‘cravo’, é ‘cravo’ que se transforma em ‘escravo’, o que, do ponto de vista da gramática, constitui uma prótese, o acréscimo de ‘es’ antes de ‘cravo’. Um acréscimo de sílaba que muda o significado do significante original.

Porém, ao contrário do que propõe a gramática, a palavra inicial não mantém o mesmo sentido. Para compreender essa transformação, é preciso recorrer à memória histórica e à memória particular da narradora, cujo arquivo contém a escravidão como suporte de subjetividade. A deriva, resultado da segmentação, se manifesta aí como algo deslocado da memória enunciativa do sujeito que encontra resistência na memória particular, na forma de conflitos particulares que agem na vida presente do sujeito sem que ele tenha consciência (Authier-Revuz, 2004).

Deste modo, temos, na análise do recorte, um modo de resistir à evidência de sentido do lugar do ‘escravo’, a resistência à mudança deste *status quo*, o que não desconsidera a tática (Certeau, 1994) e a estratégia semiconsciente (Pêcheux, 2002), por um modo deslocado de falar de si e da conjuntura histórica envolvida em uma narrativa de ‘ficação’. Em meio ao arquivo sobre escravidão presente nestas narrativas, temos, neste recorte, um modo deslocado de a memória sustentar um lugar do arquivo (Guilhaumou & Maldidier, 2016) e também um lugar para de falar de si mesmo, em um lugar deslocado da memória discursiva (Pêcheux, 1999).

Se, de um lado, ‘Cravo’ aparenta uma marca de resistência em relação à memória da escravidão, por outro lado trata de um tipo de alienação necessária para que o sujeito consiga falar de forma deslocada de um ponto da memória que ainda permanece recalcado, e também como parte da simbolização em torno de interdito, tabus e outras simbolizações em processo de ressignificação.

Escrevendo sobre o esquecimento de nomes próprios, Freud (1996), comentando a troca de Signorelli por Boltraffio e Boticelli, anota:

Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. Em outras palavras, suspeito que o nome ou os nomes substitutos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido: e espero, se tiver êxito em demonstrar essa ligação, poder esclarecer as circunstâncias em que ocorre o esquecimento de nomes. (Freud, 1996, p. 6).

Certeau (1994) retomou em parte a óptica do modelo de sujeito do inconsciente da Psicanálise e lhe conferiu o dilema da estratégia e da tática para atestar o valor deste descentramento, e não o contrário. O sujeito-narrador estrategista e que lança mão da tática acima descrita, o faz conforme um deslizamento operado pela cadeia significante.

O uso da segmentação leva a perceber o espaço entre as palavras e as sílabas; pode fazer surgir combinações inusitadas, como em es-cravo, onde algo inesperado ocorre: um gesto de separação entre o sujeito e seu dizer. Retomemos Certeau (1994, p. 252): “[...] eis então que um falar se depreende” da escrita.

A segmentação pode surgir como forma de mostrar uma diferença, como linguagem que rompe o *continuum* do mundo e estabelece uma marca que singulariza o que era antes indissociado. O arado que corta a plantação, os traços nas gamelas exemplificariam essas marcas. Reduzir a língua às marcas fonéticas ou à representação ortográfica, como acontece em alguns casos, quando predomina o discurso dominante (como o pedagógico escolar), é operar uma violência e desclassificar a história do homem.

Considerações finais

Poderíamos afirmar que o personagem ‘nego’ trabalha ‘pior di quê um condenado’ porque a filha do rei, ao enunciar ‘cravo’, mobiliza, no interdiscurso, o significante ‘escravo’. Esta forma de dizer de maneira deslocada é debatida na Psicanálise como um modo de redirecionar a pulsão por meio da negociação com o recalque. No caso, na memória coletiva há uma simbolização sobre a ‘escravidão’. No plano do imaginário, esta simbolização se refere à evidência de que o escravo trabalha sob a condição de servidão a um senhor, como um condenado. A necessidade de não ser lembrado sobre esta condição é o que assegura que este conteúdo

recalcado faça com que o sujeito permaneça na posição que se espera de um escravizado, a daquele que não questiona a sua condição. O lugar do sujeito-narrador é atravessado por essa memória coletiva.

A alusão feita em ‘isso era nu tempu dus iscravu’ tem um efeito retroativo, posto que retoma tanto o nome próprio ‘Cravo’ que se repete no fio do intradiscursivo, quanto no plano do interdiscursivo, uma vez que a interdição ao significante ‘escravo’ (que não deve ser lembrada a todo momento, uma vez que já está interpelada por uma evidência) permite tão somente se referir a si mesmo, de modo deslocado.

No fluxo narrativo, esta recusa se manifesta pela ação voraz de comer o que se vê pela frente. Tal como um porco, que come de tudo e depois regurgita, o personagem interpelado pelo lugar de trabalhar igual ao condenado, também come como um condenado. Condenado a uma condição de animalização, tal qual a da escravidão. Ocorre que o sujeito-narrador não opera este gesto analítico, não se dá conta ao ponto de fazer esta reflexão. O diálogo entre ‘cravo’ e ‘rosa’, que faz alusão, no nível do esquecimento número 1, à cantiga popular (“O Cravo brigou com a rosa, debaixo de uma sacada [...]”) também sustenta este efeito metonímico entre ‘cravo’ e ‘escravo’. A relação entre parte e todo de modo a fazer parecer, no fluxo narrativo (o que aparecerá somente ao final da narrativa, no comentário do sujeito-narrador), que não se trata de um escravo é um efeito da ideologia.

Na memória coletiva, a condição de escravo aparece de forma disfarçada quando o ‘negro’ apanha do ‘rei’, do ‘pai da princesa’, por querer casar com ela. Afinal, como ousaria um negro escravo se casar com uma princesa? Todo o processo de simbolização no imaginário brasileiro em torno desta questão, que passa por figuras como ‘Chica da Silva’ (Pesquisa FAPESP, 2003) e ‘A Escrava Isaura’ (Guimarães, 1875), sustenta este lugar da relação entre ficção e memória discursiva neste fluxo narrativo. Também no campo da ficção e da cultura popular, Pereira Lage e Mendes (2024) apresentam um estudo recente que mostra como a personagem Lamparina, veiculada na revista ‘Tico-tico’, é retratada a partir do viés dominante à época, do racismo e das teorias do branqueamento. A personagem analisada por estas autoras indica pontos sensíveis do convívio entre crianças brancas e negras, fabricados de forma proposital como ‘ensinamento’. Em narrativas orais de ficção, como temos demonstrado em outras pesquisas, este lugar da memória discursiva também é veiculado no fio do discurso, no intradiscursivo. Procuramos mostrar aqui que a segmentação, ao invés de constituir um movimento normal da língua, guarda relação com a memória e a história.

Referências

- Arrivé, M. (2001). *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros* (2a. ed.). Universidade de São Paulo.
- Authier-Revuz, J. (1998). *Palavras incertas: As não coincidências do dizer* (1a. ed.). Universidade Estadual de Campinas.
- Authier-Revuz, J. (2004). *Entre a transparência e a opacidade: Um estudo enunciativo do sentido* (1a. ed.). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer* (1a. ed.). Vozes.
- Elia, L. (2023). *A ciência da psicanálise: Metodologia e princípios* (1ª ed.). Edições 70
- Freud, S. (1996). O esquecimento de nomes próprios (Obra original publicada em 1901). In S. Freud, *Psicopatologia da vida cotidiana* (Vol. 6, pp. 19–24). Imago.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. Companhia das Letras.
- Guilhaumou, J., & Maldidier, D. (2016). Efeitos do arquivo. In J. Guilhaumou, D. Maldidier & R. Robin (Orgs.), *Discurso e arquivo: Experimentações em análise do discurso* (pp. 115–140). Universidade Estadual de Campinas.
- Guimarães, B. (1875). A escrava Isaura. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000057.pdf>
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (1ª ed. brasileira). Jorge Zahar.
- Maldidier, D. (2003). *(Re)ler Michel Pêcheux hoje* (1a. ed.). Pontes.
- Mariani, B. (2007). Silêncio e metáfora, algo para se pensar. *Trama*, 3(5), 55–71.
- Pêcheux, M. (1993). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2a.ed.). Universidade Estadual de Campinas.
- Pêcheux, M. (1999). Papel da memória. In P. Achard (Org.), *O papel da memória* (pp. 49–58). Pontes.
- Pêcheux, M. (2002). *Discurso: Estrutura ou acontecimento?* (2a. ed.). Pontes.

- Pêcheux, M. (2014). Ler o arquivo hoje. In E. Orlandi et al. (Orgs.), *Gestos de leitura: Da história no discurso* (pp. 29–46). Unicamp.
- Pêcheux, M. (2016). O enunciado: encaixe, articulação e (des)ligação. In B. Conein, J.-J. Courtine, F. Gadet, J.-M. Marandin, & M. Pêcheux (Orgs.), *Materialidades discursivas*. (p. 227-236). Universidade Estadual de Campinas.
- Pêcheux, M., & Fuchs, C. (1993). A propósito da análise automática do discurso: Atualização e perspectivas (1975). In F. Gadet & T. Hak (Orgs.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 163–252). Universidade Estadual de Campinas.
- Pereira Lage, A. C., & Mendes, C. (2024). A personagem Lamparina: Educação e racismo na revista O Tico-Tico (1928–1944). *Revista Teias*, 25(78), 11–30. <https://doi.org/10.12957/teias.2024.84132>
- Pereira, A. C. (2009). *Mito e autoria nas práticas letradas* [Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-03072011-175354/publico/tese.pdf>
- Pesquisa FAPESP. (2003). Chica Silva sem X. *Revista Pesquisa FAPESP*, 93. <https://revistapesquisa.fapesp.br/chica-da-silva-sem-x/>
- Saussure, F. (2002). *Écrits de linguistique générale* (1^a ed.). Éditions Gallimard.
- Saussure, F. (2004). *Curso de linguística geral* (26^a ed.). Cultrix.
- Tfouni, L. V. (2021). Letramento e autoria: Dispersão e deriva dos sentidos. *Cadernos de Linguística*, 2(1), e299. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id299>